

## O FEMINISMO ITALIANO: PENSAMENTO DA DIFERENÇA SEXUAL\*

Larissa Teixeira\*\*

### RESUMO

O seguinte trabalho propõe realizar uma breve análise do cenário filosófico feminista italiano. Juntamente com a França, a Itália se tornou um grande centro de discussão para o pensamento da *diferença sexual*, uma forma peculiar de abordar o feminismo. Por conseguinte, procura-se evidenciar, em particular, a importância dos escritos de Carla Lonzi para o desenvolvimento de certos aspectos da filosofia feminista na Itália. Para concluir, destacaremos as pensadoras da comunidade filosófica Diotima, entre as quais emergem Luisa Murano e Adriana Cavarero. Diferente do feminismo igualitário (que deriva diretamente da primeira onda), tal feminismo colocou no centro do debate o conceito da diferença, pois a igualdade como princípio formal apagou a diferença feminina sem resolver discriminações que continuaram e continuam a atuar. As filósofas propõem uma análise do conceito “sujeito” baseado em um esquema sexual, pois a falsa aparição do homem ao “neutro” garante a reprodução da sociedade patriarcal.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminismo da diferença; filosofia feminista; diferença sexual; Diotima; filosofia Italiana.

### ABSTRACT

The following work proposes to carry out a brief analysis of the Italian feminist philosophical scene. Along with France, Italy has become a major center of discussion for the thought of sexual difference, a peculiar way of approaching feminism. Therefore, we try to highlight, in particular, the importance of Carla Lonzi's writings for the development of certain aspects of feminist philosophy in Italy. To conclude, we will highlight the thinkers of the Diotima philosophical community, among which Luisa Murano and Adriana Cavarero emerge. Unlike egalitarian feminism (which derives directly from the first wave), such feminism placed the concept of difference at the center of the debate, since equality as a formal principle erased unresolved female difference, discriminations that continued and continue to act. The philosophers propose an analysis of the concept “subject” based on a sexual scheme, since the false appearance of the man to the “neutral”, guarantees the production of the patriarchal society.

**KEYWORDS:** Feminism of difference; Feminist philosophy; sexual difference; Diotima; Italian philosophy.

---

\* Texto recebido em 01/05/2023 e aprovado para publicação em 20/06/2023.

\*\* Mestranda e graduada em Filosofia pela Università di Verona (Itália). E-mail: [larissa.gomes02.lg@gmail.com](mailto:larissa.gomes02.lg@gmail.com).

Em meados da década de 70, Milão e Roma destacaram-se por diretrizes de luta política nos confrontos da esquerda organizada. O movimento das mulheres se afirmou em um terreno de grandes lutas sociais pelo aborto legalizado, pelo divórcio, melhores oportunidades nos ambientes de trabalho etc. No que diz respeito à elaboração teórica em seus aspectos propriamente filosóficos, a presença italiana destaca-se, principalmente depois da década de 80, pelos encontros na *Libreria delle donne* em Milão, uma livraria na qual gerava espaço para o pensamento e a escrita de mulheres. Foi um dos principais locais a partir do qual se difundiu a reflexão sobre o pensamento da *diferença sexual*. Precisamente a oportuna tradução em 1975 do texto *Speculum* de Luce Irigaray, realizada por Luisa Murano (uma das fundadoras da livraria), gerou um campo fértil de discussões.

Luisa Murano<sup>1</sup> também era conectada a um grupo de filósofas da Universidade de Verona, denominado de *Diotima*. Entre as representantes desse grupo, podemos também citar Adriana Cavarero e Chiara Zamboni<sup>2</sup>. A comunidade filosófica *Diotima*, fundada entre 1984 e 1985, realizou uma profunda dedicação teórica do pensamento da *diferença sexual*, desenvolvendo aplicações de temas diversos e concebendo coletâneas como resultado de tais pesquisas. Entre os livros publicados, podemos citar *Mettere al mondo il mondo* (DIOTIMA, 1990) ocupando-se do tema da objetividade a partir da experiência de mulheres, *Il cielostellato dentro dinoi* (DIOTIMA, 1992), texto em que trata sobre a relação feminina com a mãe, *Approfittare dell'assenza* (DIOTIMA, 2002), dedicado à relação conflituosa das mulheres com a tradição canônica.

Porém, nos primeiros passos do movimento teórico feminista italiano, destaca-se Carla Lonzi (1931-1982), a primeira a insistir no pensamento da *diferença sexual* na Itália e sobre a potencialidade positiva da sexualidade e dos valores da mulher em relação aos dos homens. Nascida em Florença, Lonzi estudou filosofia na Universidade de Roma, onde se envolveu no movimento estudantil e publicou em 1970 dois escritos precursores no debate teórico italiano *Sputiamo su Hegel* e *La Donna clitoridea e ladonna vaginale*. Nesse mesmo ano, Lonzi e outras feministas italianas fundaram o grupo romano *Rivolta Femminile*, que se propunha a desafiar o sexismo na arte, na literatura e na sociedade em geral. O grupo enfatizava a importância da autoconsciência feminina e da solidariedade entre mulheres, e rejeitava a ideia de que a libertação feminina pudesse ser alcançada dentro do sistema patriarcal existente.

---

<sup>1</sup> Luisa Murano lecionou Filosofia Teórica na Universidade de Verona.

<sup>2</sup> Adriana Cavarero lecionou Filosofia política na Universidade de Verona; e Chiara Zamboni lecionou Filosofia e diferença sexual também na Universidade de Verona.

No quadro desse itinerário do feminismo italiano, Lonzi destaca-se na fase inicial do movimento, a primeira feminista “teórica” do feminismo italiano, a primeira a ser defensora da tese da *diferença sexual* como reivindicação alternativa à da igualdade entre homens e mulheres. Dessa forma, antes de penetrar na filosofia produzida pelas membras de *Diotima*, examinaremos o pensamento de Carla Lonzi.

## **1 A FILOSOFIA FEMINISTA DE CARLA LONZI**

Seguindo alguns escritos de Lonzi, dentre os principais *Il Manifesto di Rivolta Femminile*, *Sputiamo su Hegel* e *La Donna clitoridea e ladonna vaginal*, percebemos que a filósofa apresenta uma crítica contundente à sociedade patriarcal e à opressão das mulheres. Lonzi argumenta que as mulheres eram constantemente vistas como “diferentes” em relação aos homens, mas essa diferença era vista como inferioridade e não valorizada. A pensadora propõe que as mulheres deveriam abraçar a diferença como uma força positiva e afirmativa, ao invés de tentar se igualar aos homens e se adaptar às normas masculinas. Nesse sentido, destaca a filósofa: “Identificar a mulher ao homem significa anular a última via de libertação. Libertar-se para a mulher não significa aceitar a mesma vida que o homem – algo que é inviável – mas expressar o seu próprio sentido de existência.” (LONZI, 1975, p. 11, tradução nossa).

A diferença entre as mulheres e os homens é fonte de criatividade e potencialidade, que deveria ser usada para desafiar as estruturas patriarcais existentes. Dessa forma, Lonzi rejeita a igualdade formal entre mulheres e homens; sendo assim, deve-se considerar que as mulheres têm suas próprias perspectivas e necessidades distintas e que estas devem ser levadas em conta na luta pela emancipação. A igualdade formal, na verdade, esconde a opressão real das mulheres, como Lonzi (1975, p. 21, tradução nossa) destaca: “O mundo da igualdade é o mundo da opressão legalizada, do unidimensional [masculino] [...] não podemos transferir para outros a função de perturbar o ordenamento da estrutura patriarcal.”

Alguns dos escritos da filósofa foram dedicados a temas relativos à sexualidade: a crítica à heterossexualidade vaginal imposta pela dominação patriarcal como única e natural prática sexual e questões gerais que remetem à maternidade e ao aborto. Discussões que

buscam reivindicar uma sexualidade livre e polimórfica como uma prática de autonomia e libertação da dominação patriarcal.

Em seu ensaio *La Donna clitoridea e La Donna vaginale*, Carla Lonzi apresenta ideias que convergem com Anne Koedt<sup>3</sup>. Nesse escrito, Lonzi argumenta que a sexualidade feminina é frequentemente reduzida a uma experiência destinada a satisfazer os desejos masculinos. O homem impôs à mulher o modelo de prazer vaginal, no qual faz a mulher colonizada pelo prazer masculino e à procriação, como retrata a filósofa: “O prazer vaginal não é o prazer mais profundo e completo para a mulher, mas é oficialmente o prazer da cultura sexual patriarcal considerando que o clitóris é o orgasmo central de sua excitação e orgasmo.” (LONZI, 1975, p.113, tradução nossa).

A sexualidade é uma construção social e cultural que se baseia em uma visão hierárquica e patriarcal do mundo, onde a mulher é considerada inferior ao homem e é vista como um objeto de prazer masculino. Nessa perspectiva, a relação sexual é vista como uma forma de dominação masculina sobre a mulher, em que o coito é uma imposição do homem e não uma escolha livre e consciente da mulher; o coito esconde sempre a violência.

A mulher vaginal (ou seja, aquelas que em grande parte aceitam e praticam a sexualidade imposta pelo homem) deve desenvolver consciência da sua situação e se tornar uma mulher clitoridiana e ser capaz de experimentar a sua sexualidade de forma autônoma e livre:

A mulher clitoriana não possui nada de essencial para oferecer ao homem e não espera nada de essencial dele. Ela não sofre da dualidade e não quer se tornar “um”. Não aspira ao matriarcado, que é um período mítico de mulheres vaginais glorificadas. A mulher não é a grande-mãe, a vagina do mundo, mas o pequeno clitóris para a sua libertação. Ela pede carícias, não heroísmo, ela quer dar carícias, não absolvição e adoração. A mulher é um ser humano sexual. Fora do vínculo insubstituível, começa a vida entre os sexos. Não é mais heterossexualidade a qualquer preço, mas não se tem preço. Todos os ingredientes são misturados, e a mulher assume no que diz respeito à constituição de sua pessoa e não como pretendido pelo patriarca em pertencer ao sexo. (LONZI, 1975, p. 118, tradução nossa).

---

<sup>3</sup> Anne Koedt, em seu ensaio *The myth of the vaginal orgasm*, de 1970, argumenta que a noção de que as mulheres alcançam o orgasmo apenas pela penetração vaginal é um mito perpetuado pelo patriarcado. Anne Koedt questiona a ideia de que o orgasmo vaginal é a única forma de prazer sexual feminino legítima e satisfatória. Ela argumenta que essa ideia é uma construção social e cultural que serve aos interesses masculinos, e que a vagina não é o principal órgão sexual feminino (KOEDT, 2003).

Os textos de Lonzi circularam amplamente, tornando-se um forte ponto de referência para a formação da consciência feminista na Itália. Por conseguinte, considerando o solo fértil deixado por Carla Lonzi sobre o feminismo da diferença, analisaremos as discussões propostas pelas filósofas da comunidade filosófica Diotima.

## **2 O PENSAMENTO DA DIFERENÇA SEXUAL E A COMUNIDADE FILOSÓFICA DIOTIMA**

Diotima é uma comunidade de mulheres que amam a filosofia. Esta comunidade filosófica nasceu na Universidade de Verona, na Itália, em 1984. Diotima faz parte do movimento político das mulheres. Ou seja, faz parte de um fluxo que revolucionou a forma de habitar o mundo. (ZAMBONI, c2021, tradução nossa).

É dessa maneira que Chiara Zamboni apresenta a comunidade Diotima no texto *Diotima e l'improvvisazione* (DIOTIMA, c2021). Diotima foi constituída em 1984 por professoras da Universidade de Verona, em grande parte professoras de filosofia e italiano. Mulheres que amam a filosofia, como destaca Zamboni, e que encontraram no pensamento da *diferença sexual* práticas inovadoras no fazer filosofia.

Dentro da comunidade filosófica Diotima, destacaremos o pensamento filosófico de duas pensadoras: Luisa Murano e Adriana Cavarero.

### **2.1 LUISA MURANO E A GENEALOGIA MATERNA**

Representante da *Librerie delle donne*, um dos principais centros de elaboração e difusão do feminismo teórico italiano, Luisa Murano era também integrante da comunidade filosófica Diotima. A filósofa foi, e ainda é, umas das intelectuais mais ativas no debate do feminismo filosófico.

Em 1987, juntamente com o grupo de mulheres de Milão, Murano publica *Non credere di avere dei diritti*. Fruto de um trabalho coletivo, o texto propõe que as mulheres não deveriam almejar reivindicações igualitárias em relação aos homens, aqueles definidos como “universais”, mas deveriam impulsionar suas diferenças e potencializar os valores femininos. A diferença sexual é uma característica fundamental da experiência humana que deve ser reconhecida e valorizada, em vez de ser ignorada ou suprimida.

A política de reivindicação, por mais justa, por mais sincera que seja, é uma política subordinada. [...] Uma política de libertação, como chamamos de feminismo, deve dar fundamento à liberdade das mulheres. A relação social de confiança entre as mulheres é tanto um conteúdo quanto um instrumento dessa luta essencial. [...] As fontes masculinas da política, como de várias outras coisas, simplesmente não são diferentes das formas mais sensíveis à experiência feminina. Muitas vezes são diferentes e inimigas porque desejam a universalidade e, portanto, se opõem à significação da diferença sexual. (LIBRERIA DELLE DONNE DI MILANO, 1987, p. 19, tradução nossa).

As mulheres juntas, mesmo com condições iniciais de disparidade, poderiam contribuir e realizar, em contraste com a ordem simbólica do homem<sup>4</sup>, a ordem simbólica da mulher, centrada na mãe e não no pai.

O significado original da diferença sexual, como se diz em *Sotto sopra verde*<sup>5</sup>, é ativado praticando a disparidade entre as mulheres e confiando nas preferências por uma semelhante para enfrentar o mundo. [...] A referência à própria espécie nesse contexto põe fim à esterilidade feminina. (LIBRERIA DELLE DONNE DI MILANO, 1987, p. 139, tradução nossa).

Dialogando com os pensamentos de Kristeva e Irigaray, Murano (1991) publica um ensaio postulado como *L'ordine simbolico della madre*, no qual se esforça para apresentar a necessidade de que as mulheres construam uma ordem simbólica própria (uma linguagem, uma conceitualização, uma prática de vida que seja própria do feminino), oferecendo assim uma via alternativa referente ao sistema linguístico-conceitual sexuado masculino. Nesse ensaio, Luisa Murano apresenta uma série de discussões sobre a figura da mãe e seu papel na construção da ordem simbólica da sociedade, destacando a importância da relação com a mãe na formação de nossa compreensão do mundo e da linguagem, bem como na construção da identidade feminina.

O *continuum* materno como estrutura natural e simbólica, à qual a filha pertence. O Poder materno faltou, e ainda carece, na cultura tradicional, da genealogia feminina. Ou seja, faltou a ela a forma adequada de se expressar, de modo que é representada, monstruosamente na forma da mãe fálica. (MURANO, 1991, p. 70, tradução nossa).

Em 1987, a comunidade filosófica Diotima publica o volume *Il pensiero della differenza sessuale* (DIOTIMA, 1987), no qual Luisa Murano teve uma participação significativa. A obra referida salientou determinadas discussões como: a ordem simbólica da

<sup>4</sup>Tal expressão tem origem no trabalho de Lacan o qual será desenvolvido melhor pela filósofa Irigaray e depois retomado por Luisa Murano.

<sup>5</sup>*Sottosopra verde* é um periódico irregular da *Librerie delle donne*.

mãe, a língua materna, a autoridade feminina, o saber da experiência, a política distinta do poder, trabalho sobre o negativo, filosofia como prática filosófica e política do simbólico.

## **2.2 ADRIANA CAVARERO: CONTRA A VALIDADE UNIVERSAL**

Adriana Cavarero possuiu um grande destaque no cenário filosófico italiano, sobretudo nos anos 90. Partindo da diferença sexual, a filósofa ocupou-se sobretudo do problema da linguagem universalista no âmbito filosófico e científico, o que discorreremos de maneira mais aprofundada nos próximos parágrafos.

Fazendo uso da reflexão proposta por Luce Irigaray, a filósofa Italiana nota que na ordem da linguagem, o termo “homem” pretende por si uma valência universal, colocando o substantivo mulher em uma posição reduzida ao particular, de uma origem simbólica, que baseia a própria validade de exclusão, do horizonte semântico universal da experiência e da existência sexuada feminina. A crítica à ordem simbólica patriarcal é então que a linguagem do saber ocidental propõe um discurso de ordem neutra e universal, mas na verdade se constitui em uma dimensão completamente sexuada em relação ao masculino (BERNINI; GUARALDO, 2009, p. 95).

O modelo interpretativo utilizado pelo pensamento feminista de Adriana Cavarero é a leitura da ordem simbólica patriarcal como um sistema, a *economia binaria*. A *economia binaria* se fundamenta na lógica bipolar, em que a partir da positividade do polo masculino, se apresenta a negatividade do polo feminino. Nesse sentido, o homem é sempre sujeito e a mulher objeto, a mulher sempre o Outro. Uma série de dicotomias pode ser derivada a partir disso, como razão/paixão, ativo/passivo, natureza/cultura, mente/corpo etc. Trata-se de sistema articulado que fornece à linguagem quotidiana os estereótipos do feminino e do masculino. A economia binária estrutura também a linguagem da filosofia e de outros campos do conhecimento, como a ciência. O termo “mulher” é analisado a partir de uma rede de significados androcêntricos.

A filósofa evidencia o quanto a tradição filosófica ocidental ignorou a dimensão sexual da linguagem, tratando-a como um instrumento neutro e universal que pode ser usado de maneira igual por homens e mulheres.

Resulta da filosofia que a diferença sexual não é pensada, já que um dos dois sexos é assumido como universal, sem que jamais se torne objeto de investigação em torno

da verdadeira diferença originária do sexo, que cada um carrega na carne, como o viver e o morrer. (CAVARERO, 2007, p. 48, tradução nossa).

A mulher, no interior dessa linguagem supostamente neutra, fala em uma linguagem em que não há sentimento de pertencimento, como se fosse completamente estrangeira à dimensão, na qual, no entanto, ela mesma é produtora de significados.

A mulher não tem uma linguagem própria, mas sim usa a linguagem do outro. Ela não se representa na linguagem, mas com isso acolhe as representações de si produzidas pelo homem. Assim a mulher fala e pensa, se fala e se pensa, mas não por meio de si. A língua materna em que aprendemos a falar e pensar é de fato a língua do pai. Não há língua materna porque não há língua de mulher. Nossa língua é para nós uma língua estrangeira aprendida, mas não por tradução de nossa língua. (CAVARERO, 2007, p. 52, tradução nossa).

Simbolicamente, a mulher não pertence a si mesma, ela não pode autonomamente significar a si própria ou interpretar sua própria experiência, exceto nas formas acessórias e subordinadas de diferir, em que o modelo universal permite. É nesse vazio conceitual, que se coloca a *diferença sexual*, responsável por pensar e produzir. É de fato uma tentativa de dar presença ao que nunca existiu, é a originalidade de um vivente feminino que quer dizer-se e produzir sentido a partir de si.

A experiência da separação não é mais muda, mas tendo chegado à palavra e, portanto, conceituada, representada, não se separa do sujeito que a pensa pensando em si mesmo, que a conceitua e a representa. Nesse pensamento, aquela que pensa se reconhece. É seu pensamento de si em ação. (CAVARERO, 2007, p. 60, tradução nossa).

No geral, a história de Diotima é uma história de natureza filosófica e política, as características e escolhas do grupo obedecem às exigências do projeto de uma filosofia que destaca a *diferença* de nossa humanidade. A partir da sua presença do gênero feminino, a mulher deve extrair tudo de autêntico para ser filósofa, libertando assim a sua consciência, das garras do pensamento masculino. Nesse sentido que Chiara Zamboni e Luisa Murano, destacam: “Éramos um grupo de mulheres talentosas e corajosas, que queriam fazer filosofia sozinhas para que a filosofia finalmente percebesse a diferença de ser mulher e não pensar apenas por meio da perspectiva do homem.” (ZAMBONI; MURANO, 1987, p. 178, tradução nossa).

Com uma perspectiva teórica e ético-política, a comunidade filosófica de Verona destacou-se por sua tentativa de estabelecer a filosofia como *práxis*. Diotima nasceu do pensamento da *diferença sexual*, rompendo com a neutralidade da linguagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo italiano, nas últimas décadas, articulou seus interesses de elaboração teórica e política centrada sobretudo na discussão da *diferença sexual*. O desenvolvimento estritamente filosófico da produção feminista reconstrói o panorama de pesquisa sobre a mulher no país.

Sendo assim, nos esforçamos em apresentar, de forma breve, os traços do feminismo filosófico na Itália e a reflexão centrada na diferença, em que busca analisar a existência de corpos sexuados e a hierarquia historicamente construída entre eles. Tal reflexão ganhou consistência teórica inicialmente por meio da filósofa Carla Lonzi, que gerou uma atmosfera teórica propícia para a comunidade filosófica Diotima.

O feminismo da diferença diz respeito, portanto, a uma filosofia que propõe desatar os nós criados pelo patriarcado, em que a mulher é dominada e subjugada pela relação que se cria entre o homem superior e a mulher inferior. O que se propõe por meio do feminismo italiano é que diferença sexual não seja mais a construção de baluartes, mas o desenvolvimento da habilidade relacional entre os corpos sexuados gerando novas configurações de coexistência.

## REFERÊNCIAS

BERNINI, Lorenzo; GUARALDO, Olivia. **Differenza e relazione**: l'ontologia dell'uma nonel pensiero di Judith Butler e Adriana Cavarero. Verona: Ombre Corte, 2009.

CAVARERO, Adriana. **Il femminile negato**: la radice greca della violenza occidentale. Pazzini. Rimini, 2007.

CAVARERO, Adriana. Per una teoria della differenza sessuale. *In*: **DIOTIMA. Il pensiero della differenza sessuale**. Milano: La Tartaruga, 1987, p. 43-79.

DIOTIMA. **Approfittare dell'assenza**. Milano: La Tartaruga, 2002.

DIOTIMA. **Diotima e l'improvvisazione**. c2021. Disponível em [www.diotimafilosofe.it](http://www.diotimafilosofe.it)  
Acesso em: 04 abr. 2023.

DIOTIMA. **Il cielostellato dentro dinoi**. Milano: La Tartaruga, 1992.

DIOTIMA. **Il pensiero della differenza sessuale**. Milano: La Tartaruga., 1987.

DIOTIMA. **Mettere al mondo il mondo**. Milano: La Tartaruga, 1990.

KOEDT, Anne. The myth of the vaginal orgasm. *In: Sexual Revolution*. Edited by Jeffrey Escoffier, New York: Thunder's Mouth Press, 2003, p. 100-110.

LIBRERIA DELLE DONNE DI MILANO. **Non credere di avere dei dirriti**. La generazione della libertà femminile nell'idea e nelle vicende di un gruppo di donne. Torino: Rosenberg & Sellier, 1987.

LONZI, Carla. **Spuntiamo su Hegel, La donna clitoridea e la donna vaginale e altri scritti**. Milano: Rivolta femminile, 1975.

MURANO, Luisa. **L'ordine simbolico della Madre**. Roma: Editori Riuniti, 1991.

ZAMBONI, Chiara; MURANO, Luisa. Cronaca dei fatti principale di Diotima. *In: DIOTIMA. Il pensiero della differenza sessuale*. Milano: La Tartaruga, 1987, p. 175-178.

ZAMBONI, Chiara. Presentazione. *In: DIOTIMA. Diotima e l'improvvisazione*. c2021. Disponível em [www.diotimafilosofe.it](http://www.diotimafilosofe.it). Acesso em: 04 abr. 2023.